

Vedānta-Vaishnava (texto II)

- O problema fundamental de Vedānta é definir a relação causal entre Brahman e o universo. Como o Absoluto Único tornou-se esse universo complexo com sua infinita variedade de nomes e formas? Esta é uma importante questão metafísica que cada filósofo Vedantista procura prover resposta satisfatória.
- O Mundo-aparência da filosofia Advaita
Partindo-se da premissa de que Brahman é a única entidade real que existe, qual será, então, a natureza desse mundo de nomes e formas? Śāṅkara classifica o universo como *mithya*, que significa falso, sem realidade ou aquilo que contém somente aparência.
O crucial texto dos Upaniṣads que nega a realidade de qualquer outra entidade à parte de Brahman é o famoso (Chānd VI.2.1) *sad eva saumya idam agre āsit; ekam eva advityam*— “Havia somente o Ser (*sat*) no começo, que é *advitīyam*, único, sem segundo.” Outra referência escritural que nega a pluralidade é a radical afirmação do Bṛhad-araṇyaka Upaniṣad (IV.4.19) *neha nānāsti kiñcana*— “Não existe multiplicidade”.
Mas, pode-se questionar que, se nada existe à parte de Brahman, como explicar o aparecimento e a existência desse multi-diversificado mundo físico, assim como os ilimitados seres vivos individuais? Para solver essa questão, Śāṅkara introduziu em sua filosofia a “teoria de *māyā*”, que estabelece que esse mundo não tem existência real. É uma mera aparência em Brahman, devido à ação da potencia criativa mágica *māyā*.
- Śāṅkara enfatiza que do ponto de vista fenomenal o mundo é bastante real. Não é uma ilusão. É uma realidade prática. Ele distingue o estado de sonhos do estado desperto. Coisas vistas num sonho são bastante reais enquanto o sonho dura; elas somem somente quando despertamos. Similarmente, o mundo é bastante real enquanto o conhecimento verdadeiro não surge. Mas sonhos são criações privadas. Elas são criações da *jīva* (*jīva-sṛṣṭā*). O mundo é público. É a criação de *Īśvara* (*Īśvara-sṛṣṭā*). *Jīva* é ignorante da unidade essencial e considera que somente a diversidade seja verdade e erroneamente considera-se como agentes (*kartṛ*) e desfrutadores (*bhokṭṛ*). *Avidyā* encobre a unidade (*āvaraṇa*) e projeta nomes e formas (*vikṣepa*). *Īśvara* nunca engana-se quanto à unidade. *Māyā* só O influencia em seu aspecto *vikṣepa*. Parabrahman, o Brahman mais elevado, é simultaneamente a base (*āśraya*) e o objeto (*viśaya*) de *Māyā*. Quando a *jīva* realiza essa unidade essencial através do conhecimento, (e conhecimento somente, karma sendo subsidiária), liberação é obtida aqui e agora (*jīvan-mukti*) e a liberação final (*videha-mukti*) é obtida depois da morte do corpo.
- Teoria de *Māyā*
Māyā ou *Avidyā* não é pura ilusão. Não é somente ausência de conhecimento. É também positivo conhecimento falso. É uma encruzilhada entre o real e o irreal. De fato é indescritível (*anirvacanīya*). Não é nem existente, nem inexistente, nem ambos. Não é existente, pois o existente é somente Brahman. Não é não-existente pois é responsável pela aparição de Brahman como esse mundo. Não pode ser simultaneamente existente e inexistente pois isso é uma auto-contradição. É considerada ser nem real nem irreal (*sadasadvilakṣana*). É falsa ou *mithyā*. Mas não é uma não-entidade, um “nada”, como os “chifres de uma lebre” (*tuccha*). É algo positivo (*bhāva-rūpa*). É uma potência (*śakti*). É também chamada “superimposição” (*adhyāsa*). Uma concha é confundida como prata. A concha é a base em que a prata é superimposta. Quando o conhecimento correto (*pramā*) surge, esse erro (*bhrānti* ou *bhrama*)

some. A relação entre a concha e a prata não é nem de identidade nem de diferença, nem ambos. É algo singular e é conhecido como “não-diferença” (*tadātmya*). Similarmente, Brahman é a base em que o mundo aparece através de *Māyā*. Quando o conhecimento correto surge e a essencial unidade da *jīva* com o *Paramātma* é realizado, *Māyā* ou *Avidyā* somem.

- De acordo com Śaṅkara, *māyā* ou *avidyā* não é mera ausência de conhecimento. É uma entidade positiva (*bhāva-rūpa*), isto é, uma positiva ilusão ou conhecimento errôneo. Apesar disso, *māyā* é, ao mesmo tempo, não-existente, pois a única coisa existente é Brahman. Por outro lado, *māyā* não pode ser, por assim dizer, não-existente, pois tem o poder de criar a aparição do mundo em Brahman. De fato, afirma Śaṅkara, *māyā* não é nem existente nem não-existente, nem ambos. *Māyā* é, portanto, nem real nem irreal (*sad-asad-vilakṣaṇa*). O conceito de *māyā* é, então, reduzido ao termo *anirvacanīya*, que significa indescritível ou inefável. *Māyā* é *anādi* (sem começo), mas não é *ananta* (sem fim), pois ela é eliminada em *mokṣa*, liberação. É removida por *Brahma-jñāna*, conhecimento sobre a unidade essencial da *jīvātma* com Brahman. Quando *vidyā* (conhecimento) desponta, *avidyā* (ignorância) desvanece. Quando a corda é conhecida, a ilusão “serpente-corda” perde o encanto. De acordo com a filosofia Advaita, *avidyā* tem duas funções importantes: a) encobrimento da natureza verdadeira de Brahman (*tirodhāna* ou *āvaraṇa*); e b) projeção da ilusão do universo (*vikṣepa*). Porque a verdadeira natureza de Brahman é encoberta ou obscurecida por *avidyā*, Brahman aparece ilusoriamente como o universo diversificado. Os termos *māyā*, *avidyā*, *adhyāsa* e *vivarta* são, em geral, usados de forma intercambiável.
- *Māyā* como um poder de Deus é indistinguível dEle, tal como o poder de queimar do fogo em relação ao próprio fogo. É através de *māyā* que Deus, o Grande Mágico, faz surgir por encanto esse mundo com todos os maravilhosos objetos. A aparição deste mundo é tida como real pelo ignorante, mas o sábio que pode ver além da percepção sensorial, não encontra nada a não ser Deus, a Realidade Única por trás desse show ilusório.
- *Vivarta-vāda*
A teoria de que o mundo é tido como uma aparição ilusória em Brahman é chamada por Śaṅkara de *vivarta-vāda*, a teoria da ilusão. Dois clássicos exemplos são tradicionalmente usados: “corda-serpente” e “concha-prata”.
Em uma situação de penumbra, uma corda no chão pode ser tomada erradamente por uma serpente. Todas as reações emocionais e psicológicas ocorrerão na pessoa, como se a serpente fosse real. Esta analogia destina-se a mostrar que embora esse mundo não seja real nós, sob o encanto de *ajñāna*, ignorância, pensamos como se ele fosse real.
A outra analogia diz que sob certas condições externas de luminosidade e num certo ângulo de visão, a madrepérola de uma concha parece como se fosse um objeto de prata. É explicado que a prata, embora não-existente, foi sobreposta na concha. A concha é, portanto, a base em que a prata foi sobreposta. Similarmente, esse mundo, embora não-existente, é tido ser uma sobreposição ou projeção (*adhyāsa*) em Brahman. Brahman associado com sua *śakti māyā* é a base em que o mundo fenomenal é sobreposto.
O mundo não acarreta nenhuma transformação (*pariṇāma*) em Brahman, mas é somente uma aparição (*vivarta*).
- Os Três Estados de Existência
Como podemos conciliar a nossa experiência empírica que temos desse mundo em que

vivemos com a teoria de *vivarta-vāda*? Para resolver esse problema, Śaṅkara estabeleceu o conceito dos três estados de existência: *pāramārthika sattā*, *vyāvahārika sattā* e *pratibhāsika sattā*. A Existência Absoluta ou Realidade no nível de Brahman é chamada *pāramārthika*. Nesse estado de existência pura não existem formas, nem individualidade, nem atividades e nenhuma sensação. É um estado de Consciência Pura.

A realidade prática e empírica desse mundo é chamada *vyavahāra*. Do ponto de vista fenomenal, esse mundo, que é mera aparência e sobreposto em Brahman, é bastante real. É assim como um sonho— coisas vistas num sonho são consideradas verdadeiras enquanto o sonho dura; elas esvaecem somente quando despertamos. Similarmente, o mundo é completamente verdadeiro enquanto o conhecimento verdadeiro de Brahman não desponta. O estado *pratibhasika* de existência é uma existência imaginária. Foi chamado por alguns de “ilusão da ilusão”. Perceber uma serpente numa corda é *pratibhasika*; a corda em si, e todos os nome e formas, é *vyāvahārika*; enquanto que a existência liberada em Brahman é o estado *pāramārtika*.

- Causa e Efeito

De acordo com Śaṅkara, a relação entre causa e efeito é chamada *vivarta-vāda*, na qual a causa somente é real e o efeito é ilusório ou uma sobreposição, e, conseqüentemente, irreal. A *vivarta-vāda* reduz todos os efeitos a meras aparências sem qualquer realidade própria. Portanto, quando o substrato, base ou fundação de uma sobreposição sucede em tornar-se conhecido, todas as aparências sobrepostas são conseqüentemente esvaecidas, e a verdade, então, se revela, mostrando que somente o substrato (Brahman) é real. A filosofia Advaita, dessa forma, estabelece que quando Brahman torna-se conhecido como realmente é, o mundo ilusório de aparências automaticamente se esvaece e a verdade subjacente se revela como uma e única Realidade.

- Causa material do universo (*upādāna-kāraṇa*)

A Advaita Vedānta admite, sob força de textos das escrituras, que Brahman é a causa material do universo. Apesar de ser a causa material do universo, Brahman, que é um Ser puro destituído de qualquer diferenciação, supostamente não é afetado por nenhuma transformação. Para conciliar a causalidade material com Brahman, a filosofia Advaita adota a doutrina de *māyā* ou *avidyā*, que é o princípio cósmico que provoca o mundo ilusão. Brahman é eternamente auto-iluminado mas devido à *māyā*, Ele ilusoriamente aparece como universo. Em outras palavras, o universo fenomenal é sobreposto em Brahman, como a serpente na corda, devido a *avidyā*. Na medida em que Brahman é o substrato para *māyā*, que por sua vez é a causa da aparição do universo, Ele é, então, considerado como *upādāna-kāraṇa*, causa material. Todas as transformações decorrentes do fenômeno de manifestação cósmica não irão afetar Brahman, mas *avidyā*. Brahman assim permanece livre de mudanças, como é estabelecido pelo *śruti*, mas ao mesmo tempo, sendo a base (*adhiṣṭhāna*) da ilusão cósmica, Ele é, dessa forma, considerado como a causa material do universo.